

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.435

Sábado, 28 de Julho de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada de Combro, 28-A, 2.º • Lisboa—PORTUGAL  
TELEFONE—5339-C  
Oficinas de Imprensa—Rua da Alatala, 111 e 115

O governo, enquanto mete os militantes operários na cadeia, prepara-se para fazer subir o preço do pão. "Isto" é realmente um regime ideal...

# No regime da liberdade...

A despeito do ambiente de repressão que as autoridades estabeleceram em torno das prisões arbitrárias.

Como tivesse comparecido muita gente, não cabendo nas salas, resolveu-se fazer a sessão no pátio. Minutos depois de a multidão ter ali chegado, compareceu o cabo da esquadra das Mercês, acompanhado de numerosos policiais, que indelicadamente convidou o operariado a retirar-se ou regressar às salas.

Este convite foi seguido de ameaças provocadoras, revoltantes—próprias dum autêntico cabo de esquadra, daqueles cabos de esquadra de pés grandes e mãos maiores que davam pelo nome de "macacos" no tempo da monarquia.

A despeito de grande número operários, que se sentiram ameaçados, terem dispersado e de muitos que para a nossa sede se dirigiam não chegarem a entrar devido a terem encontrado muita polícia à porta, a sessão constituiu uma bela afirmação de solidariedade para com os presos.

POR MUITO QUE PESE ÀS AUTORIDADES OS PRESOS TEEM A SOLIDARIEDADE DO PROLETARIADO!

ABAIXO O FASCISMO GOVERNAMENTAL!

VIVA A LIBERDADE HUMANA!

# O FASCISMO REPUBLICANO!

Persegue-se e prende-se, sem que haja já o cuidado de inventar uma razão, um motivo

# De Lisboa para a Covilhã

CARTA PARA JOSÉ RAMALHO, AO CUIDADO DO DIRECTOR DA "ÉPOCA"

O que José Ramalho nos mostrou—As suas opiniões de outrora Porque estamos zangados—Mais um patriota Lucros fantásticos não, positivos

Exmo Sr. Director do jornal "A Época":

Rogo a V. Ex.ª a subida fineza de fazer chegar às mãos do seu futuro correligionário e meu preso amigo José Ramalho a carta que incluo.

Com a maior consideração, subscrivo o menor e bolchevista terrível Mário Domingues.

\* \* \*

Muito caro José Ramalho, meu bom amigo:

A Época, esse piedoso jornal que enleia todos os manhãs, com fervor, como quem reza uma oração ao Altíssimo, publicou algumas declarações suas, que grande prazer me causaram, creia.

Entre tanto, meu bom Ramalho—veja você o paradoxo—estou zangado consigo, melindrado mesmo. E sabe, por quê? Porque tendo sido você, para mim, não há ainda um anjo, um companheiro dedicado, um amigo inegualável, que sempre me acompanhou durante os cinco ou seis dias que permaneci na Covilhã, agora que ai tornei, e que o acaso nos fez passar tam perto um do outro (embora, se até fizemos um adeus cordial), você não tivesse aproveitado essa ocasião rara para, como bons amigos, conversarmos—para me fazer ouvir as suas márgas, as suas desilusões, as suas acusações.

Vocé, no ano que fui, nessas tardes de fins de Julho, tinha afirmações tam arrojadas, tam revolucionárias, tam plenas de revolta e de beleza que me deixavam mudo de assombro, esmagado pelo peso da argumentação, silencioso como um disciplinado muñido, Bastante aprendi na sua sinceridade de então.

Como sabe, eu sou jovem sindicalista e você disse que os meus camaradas daí, da Covilhã, lancaram a greve, com manifestos distribuídos no país sobre os lucros fantásticos dos industriais. Manda a boa lógica que eu deprenda da sua frase: que os jovens sindicalistas já tem tanta força que lancam greves quando lhes apetece e que os industriais, longe de obter gran-

des lucros, estão salvez quase na miséria. Quem dera, José Ramalho, que as coisas se passassem como as conta, isto é, que os jovens fossem assim poderosos e os industriais fôssem tam pobres, que tivessem de ir ganhar o pão ao lado dos operários. Mas, bom José Ramalho, infelizmente para si, para mim e para os terríveis revolucionários da Covilhã, nem os jovens fazem mal a uma máscara, nem os industriais se encontram tam pobres. Então, outro galo cantaria...

Ai de nós, porém, aqueles soberbos preídios que eu vi, que você me aponhou, aqueles admiráveis automóveis que por lá topámos, aquele luxo que ambos criticámos numa festa de caridade que no jardim se realizou, atestiam o contrário, provam que os lucros dos industriais não são fantásticos mas positivos, duramente positivos, horribelmente positivos.

Esta vai longa e eu não lhe disse ainda metade do que desejava. Mas valerá a pena continuar? Você, segundo que faz acompanhar o meu nome ao anúncio no Trabalho a minha humilde presença nessa cidade. Pois se você for dizer para a Época aquelas coisas feias...

Ora diga-me lá, Ramalho amigo, aqui muito em segredo: disse realmente que neste isto estava a pedir uma reação conservadora, da ordem, da Paz e da disciplina social? Disse? E eu ingénuo, que você abandonou nos braços traleiros do "materialismo", a julgar que as coisas decorriam mal porque a reação conservadora, a disciplina social, etc., predominavam... Como nós, às vezes, andamos iludidos!

A Época também lhe chamou patriota. E aí de novo, Ramalho, falou realmente como um verdadeiro, um autêntico patriota, mais patriota do que o merecendo, que me rouba no peso das batatas, mais patriota do que esses honrados industriais que você tam nobremente defendeu, mais patriota do que... Diós carambal!

Como sabe, eu sou jovem sindicalista e você disse que os meus camaradas daí, da Covilhã, lancaram a greve, com manifestos distribuídos no país sobre os lucros fantásticos dos industriais. Manda a boa lógica que eu deprenda da sua frase: que os jovens sindicalistas já tem tanta força que lancam greves quando lhes apetece e que os industriais, longe de obter gran-

N A C. G. T.

# O MOMENTO QUE PASSA...

Ir buscar lá e vir tosquiado

Deviam ser 4 horas da tarde.

A atmosfera, tédia—como dizem os jornalistas—tédia e pesada, pois pairavam no ar os boatos e na rua a polícia vigiava, aguardando que os operários redimissem na sua sede, para os educar para vir à nossa sede fazer uma conferência sobre tan transcen-

dental assunto. Não será, é claro, uma coisa semelhante ao que para si tem feito o propósito desses trabalhos do ministerio da Instrução, confundindo e atacando uma coisa que deve ter pontos fatais. Muito embora saído do campo oposto ao nosso, essa proposta não a encararam, com sectarismo, desejando antes que, com imparcialidade, alguém nos esclareça.

Correspondentes. Conhecemos a visita—era um amigo, redactor do Díario de Lisboa.

Então—perguntam-nos—a sessão que vai realizar-se...

—E' cedo ainda—respondemos—e não podemos prematuramente transmitir o sentido do operariado que vai reunir...

—Trata-se das prisões...

—Sim, das violências cometidas pelas autoridades, violências que são de todos conhecidas...

—E a C. G. T. não tem nenhum assunto importante—interroga a curiosa do jornalista...

—Então...

—A Revolução Social. Prepara-a, unificando assim a trabalhadora, curando os seus interesses imediatos e preparando-lhes o espírito, educando-a, para viver mais vastos...

—Achamos desejável a forma de proceder e, para evitar repetições, estamos

## REVOLUTIVOS

Quatro mil americanos  
Dos courcados yankees.  
Com seus dólares, utopias,  
Estão ai encobrindo os tanques,  
Dos bons vinhos lusitanos.

Praga má de gafanhotos  
Devoram tudo, que horror!  
Não escapa nada aos marotos.  
Por hair-pence—pavor!  
Comem, beem, dão rotos.

D. Pedro, D. Afonso, Casas-Sodré,  
Pelo Poco da Cidadela.  
D'automóvel ou a pé,  
Das damas sem castidade obsequiam,  
Tomas d'assalto o cote.

De kodak posto ao lado,  
Com um balaço na algibeira,  
O yankee, afortunado,  
Compre a Praça da Figueira  
E os armazéns do Chiado.

Derrubados com calor  
Côco estiolas, a fumar,  
Deus arrimado por fato,  
Que se ponham a cozer  
Depressa, a todo o vapor.

Como as salas do edifício em que

# INFERIOR A UM BANDIDO!

Um salteador comparado com o Vergílio Pinhão é um modelo de virtude

A insistência no meu ataque a Vergílio Pinhão não quer significar, de nenhum modo, que o meu alvo é a sua pessoa. Isto seria uma loucura rematada. O meu fim principal é atingir os impudicos e infames bandoletos da Patronal, tenebrosas personagens do encruzilhada, que se aproveitam de tal capanga, para cheiar a polícia especial da sua quadrilha.

Tudo quanto eu disse relativamente àquele bigonhitas visa, directamente, aqueles salteadores. Fica, pois, entendido.

Esguicho fedorento dos fúlmos degraus da desqualificação, seria diminuir a minha personalidade, dar horas de combate a um pulha que nada mais merece que os boletins, em corpo oito,

das galinhas e das facadas do dia. A

classificação de bandido que, há dias,

impensadamente, me escorregou da pena,

é uma designação de mero favor.

No bandido existe, ainda, alguma coisa

que o impõe à consideração pública.

No bandido há, deixem-me assim dizer,

um germe de epopeia. Há bandidos

que deixaram lenda. Há bandidos

de fama. Há bandidos simpáticos, heróis e

generosos Schiller, Goethe e Byron, nos

primitivos do romantismo, fizeram a

consagração dos ladrões honrados. O

pato inteiro, reflete-se, num misto de

admiração e de ciúme, à memória do

honrado salteador das cuentas amarradas,

José do Telhado, Roubava a ricos

e dava a pobres. A fome bateu à

porta e saiu à estrada, de bacamarreto

açoado e chapéu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

por-arcá! Jamais a sua clavina espantou

inocentes! Não denunciou, não

apertado e chapeu para a cara exigindo

a bolsa ou vida. Era peito-a-peito Arca-

# A CENSURA TEATRAL

Fui eu, um dos críticos que mais atacou a peça de António Ferro Mar Allo, cuja moralidade mais do que imoralidade flagela, porque entendo que o assunto que nela se versava em caso algum se tornaria defensável não havendo ponta por onde se lhe pegasse, nem meio de achar um pretexto para conciliar uma repulsa que redundasse em cautelar.

O governador civil entendeu que devia prestar a peça e desde esse momento um protesto se ergueu, e a ele me associaram porque mal de nós se a literatura comece a estar à mercê da primeira autoridade administrativa cujo critério é mais policial do que saneador, sabido como está que sob o falso argumento de proteger a moral é possível toda a iniquidade, visto que esta designação "moral" tanto pode conter com aquilo a que rigorosamente pode chamar-se moral, como o mais insignificante prurido de suscetibilidade que afecta pode, simplesmente, como reputação política ou um preceito estafado de puro convencionalismo. Os homens livres, ou simplesmente, os bem intencionados sabem bem, num meio pequeno e mesquinho, como o nosso, até onde levará o criterio falível ou intencional, dumha pessoa a quem é dada a missão de dizer se uma peça pode ou não ser representada.

Pois bem, esquecendo-se todos estas circunstâncias crie-se agora uma autêntica mesa censória, moldadas as suas atribuições pelas da comissão congénere que o decreto de 29 de Março de 1890 organizou!

O tribunal que acaba de ser erigido, em nome da liberdade do pensamento, resolverá os recursos que resultarem de qualquer proibição demandada da autoridade administrativa. Primeiro tem a palavra a autoridade política e só depois se os condenados quizerem, é que faz ouvir a sua voz a autoridade literária armada em censura magna, e de cujo sinodo fazem parte autores dramáticos, cuja obra não sabemos, quem amanhã censurará.

Admite-se portanto a falibilidade da

Nogueira de BRITO

Para tratar d'este magno assunto, o pessoal da área de Beja realiza uma nova e importante assemblea

BEJA, 24.—Na casa dos Trabalhadores, por a Delegação não poder comportar o número elevado de ferrovários que compareceram, reuniu o pessoal desta área com a representação de diversos pontos da linha e da sede.

Fausto Pinto Salgueiro faz largas considerações sobre os scelerados e ataca os governantes, apontando-os como responsáveis da desordem que existe, e aconselhando a máxima união entre todos os ferrovários para que possam ripostar aos seus adversários.

Terminando explica os fins da reunião e faz a apresentação dos delegados da sede. Antes da ordem dos trabalhos, é dada a palavra a Pedro de Freitas, que inicia as suas considerações pela local que há dias veio publicada no *Século*, e em que os scelerados, com todo o desdramatizado, se dizem legítimos representantes dos ferrovários, tendo apenas se sete 700 ferrovários, quando se o restante pessoal não fôr servido.

Encontrando-se na ordem dos trabalhos, Manuel Peres, delegado directo do pessoal do ramal de Sines, pregunta à classe aqui reunida, se está resolvida a ir para a luta, mas com novos processos, pois é preciso não esquecer o dia 30 de Setembro. Fazendo um belo confronto entre as antigas e as novas almas, frisa que as greves, como tem sido feitas até aqui, já não são o resultado desejado, tornando-se, portanto, necessário que os meios a empregar sejam de resultados mais rápidos e frutíferos.

Francisco Moreno refere-se à última reunião na sede, onde foi como delegado, e em rápidas palavras explica quais as resoluções ali tomadas. Recorda a ordem 50, dizendo que aí foi o primeiro passo para a publicação da "desorganização" dos serviços.

Termina declarando que se os ferrovários aceitarem a reorganização, terão dentro de pouco tempo de aceitar também o que ficou ainda debaixo da pasta do ministro, como seja perderem o direito aos cartões de identidade, às 8 horas de trabalho, etc.

Armando J. Silva lamenta que, neste momento gravíssimo para ela, a classe se encontre tan fria e escapela da atitude do ministro do Comércio da pasta dos borbões que constituem o grupo dos scelerados.

Miguel Correia, delegado da sede, ao iniciar o seu discurso, diz que, estando presentes indivíduos que são sindicados classe ferrovária. — C.

# Para que serviu o empréstimo nacional? TEATROS & CINEMAS

Perguntam na capital do norte, todas as últimas da usura industrial-mercantilista-governamental.

PORTO, 26.—Perguntam todas as situações afitissima, está a crise de trabalho que se vê notando em algumas profissões. Até aqui encarecia a vida, mas lá havendo trabalho em cheio, Agora a vida continua a encarecer e, como acrescento ao mal, surge o mal da chômage, do desemprego...

São as melhorias que nos trouxe o incenso do empréstimo, à sombra do qual o industrialismo traçou os seus mais traçoeiros planos. Porque, positivamente, do que se trata é dum plano. Antes, mesmo que fosse real o fraquejamento do trabalho, uma grande parte da patronal, ainda tinha esta consideração: conservar a serviço, dentro das oficinas ou fábricas, totalidade do seu pessoal; agora, depois do empréstimo, notando-se que não há obra de pressa, anunciam os patrões, que o serviço não abunda e ou licenciam parte do pessoal, ou põem-no aos três ou quatro dias, por turnos. Seja efectivo o eventual, o operário perde aquela regalia; é um criado aos dias. Nada de sacrifícios, nada de tirar dos fabulosos lucros antecedentes uma milionássima parte para garantir, por uns dias de serviço, mais em falta, o pão aos produtores, que anteriormente se tinham mortificado num labir extenuante, encerrando as barras patrões...

O câmbio melhoraria; o domínio das especulações seria restrinido às suas proporções mais simples; os gêneros de primeira necessidade e os artigos de calçado e de vestuário sofreriam uma sensível baixa nos seus báscicos preços de compra e venda. Numa palavra: as condições gerais e particulares do país oficial e civil compõe-se iam satisfatoriamente e os orçamentos ministeriais e caserais ressentir-se iam favoravelmente com os seus lisongeiros equívocos.

É um sinal de regosso pagante, lucrativo, os grandes e pequenos rotativos da imprensa de balcão e da política executaram, em todos os tons e solfas, o hino das espalhafatosas consagrações...

Subscrito, ou melhor: coberto o grande empréstimo pela generosidade patriótica dos magnates da finança, do comércio e da indústria; recolhido o produto, da propaganda frenética pro-subscrição nacional, pela imprensa mercenária — quando tudo esperava os resultados benéficos de operação governamental, vê-se que não passou tudo de um grandiosissimo conto do vigário...

Toda a gente sabe que o câmbio continua sujeito às premeditadas oscilações da especulação financeira: não melhorei, piorou. E como resultante dessa pioração escandalosa, principiou de novo a marcha interrompida do cortéjo simétrico das justificações atrevidas...

Pelo menos nesta cidade acontece isto: todos os gêneros estão subindo, quanto a outros artigos, por exemplo, para gastos de indústria, quando se lhes manifesta a esperança, já não dizem diumas baixa, mas dum estacionamento nos seus custos, logo a caixearia de praça interrompe: «Fiem-se nisso, esperem-nhe pela volta; verão como as coisas correm depois do dia 30, que é quando as fábricas e os depósitos alteram as suas tabelas, como disso já estavam prevenidos...»

Sucedeu este facto eloquente com o papel de impressão, com as tintas, óleos, etc. Quanto aos gêneros alimentícios, não é preciso observar nada ao cliente; o atacadista e o retalhista encarregam-se de alterar as tabuletas indicativas dos preços...

O temeroso do caso, porém, não é simplesmente na continuação do agravamento do custo da vida. A ampliar as consequências pavorosas desta

e outros que o não são, as suas palavras vizam apenas as consciências.

A reorganização em debate vem esmagar todas as regalias conquistadas no passado com heróicos sacrifícios, e a possibilidade de novas conquistas no futuro. Por esse motivo é imprescindível, neste momento gravíssimo, a união de todos os ferrovários, sem a qual nada se poderá fazer.

Não há 75 por cento dos ferrovários que se tenham preocupado com a reorganização mas, amanhã, se qualquer dérbi for por elas atingido, virá imediatamente, quando já não haja remédio, a sindicato.

Recorda a propósito a atitude dos carregadores e assentadores quando da célebre história dos 35.000. Se não abandonassem o sindicato, tinham alcançado os 50.000, pois o próprio sr. Pinto de Silveira declarou que o pedido era atendido se os governantes não notassem a desorganização destes operários, contra quem o sr. Rosa Mateus parece sofrer de fobia, julgando-lhes um ordenado irrisório enquanto para si arredada a miséria de 3.000 e tantos escudos.

Depois de profundas considerações sobre o abrigo que é a organização, decide a assembleia que se amanha o ministro pretender que as reclamações já discutidas em conjunto com os scelerados — corja infame de traidores —, orador, como membro da comissão não aceitará, devendo a classe repudiar também essa afronta.

(A assembleia nesta altura exterioriza calorosamente a sua concordância com tal atitude).

Depois o orador exclama: como poderia a classe colaborar com esses indignos sem moral, indignos de usar com honra, como nos usamos, o nome de ferrovários? Não! Nunca!

Termina fazendo a afirmação de que, se a classe não se mostrar energica e unida, os governantes não cederão.

Na mesma ordem de ideias falará ainda Francisco Moreno, A. Silva e outros camaradas, sendo aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1º. Aguardar serenamente as resoluções do Sindicato para definir a atitude do ministro de domínio da vida. A. Silva: 2º. Ratificar a confiança na comissão de demócratas no sentido de que através de tudo se mantida a dignidade da classe.

FUNILEIRO

Precisa-se. — Rua José Estevam, 28-32. A. Lopes de Sousa. — ABRANTES.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Os que morrem

MANIFESTAÇÃO FUNEBRE

Promovida por uma comissão de amigos, realiza-se amanhã uma romagem à campa de Joaquim dos Santos, o cesturante vendedor ambulante que, em 23 de Junho, foi morto tiro pela polícia quando esta perseguiu um preso que lhe fugira.

O cortejo sai, pelas 16 horas, do largo Rodrigues de Freitas para o cemitério oriental.

FUNERAIS

Realizou-se ontem o funeral do menino Gaspar Rodrigues de Araújo, filho de Eduardo Rodrigues Araújo, alfaiate, sendo acompanhado ao cemitério do Lumiar por muitas pessoas da amizade do deslado pai e que tinham pela interessante criança bastante afetão e carinho.

FALECIMENTOS

Faleceu ontem, no Hospital do Despacho, João Gomes dos Santos, irmão do camarada Emílio Gomes dos Santos, realizando-se o funeral amanhã, pelas 15 horas, do Hospital de São José para o cemitério do Alto de São João.

TRABALHADORES: LEDE «A BATALHA»

José

Enchendo de trapos o seio de Ramon) Que opulen-

tos seios.

ANTÓNIO

(Ponto Ramon com o trajeiro para a cena e dando-lhe uma palmada) Isto está muito chato! (Um vai bus-

car uma almofada, outro levanta-lhe a saia e amarran-

-lhe na cintura).

Luis

Diabo, falta-lhe a cabeleira!

É verdade!

MANUEL

Olhos baixos, afectando pudor! Oh! papa!

ANTÓNIO

Não seria bom fazer um ensaio de desmaio?

MANUEL

Não é preciso, com o susto o velho não reparara.

JOSÉ

Em todo o caso, cuidado que ele não te veja as cal-

cas.

RAMON

Com o velho me desmaio...

RAMON</

